

"Para aclarar a questão," resolveu "observar a vida".¹

(Gradiva, p.21)

Por Julio César Walz²

Como disse Carlos Drummond de Andrade,

Cobras cegas são notívagas.
O orangotango é profundamente solitário.
Macacos também preferem o isolamento.
Certas árvores só frutificam de 25 em 25 anos.
Andorinhas copulam no vôo
O mundo não é o que pensamos.

A prática da psicoterapia é um desafio diário. Acho que durante os longos anos de nossa formação um dos temas que mais se deseja dominar é o de saber interpretar; entender o que o paciente está querendo dizer a cada palavra e a todo o instante. Em nosso mundo profissional cada palavra ou cada comunicação pode ter um sentido. E outras tantas vezes queremos que tenha. Ou ainda achamos que sempre tem. E mais: sempre sob a forma de algo oculto ou velado e que esconda uma resposta, uma solução ou uma verdade.

Além disto, sempre usamos critérios para fundamentar uma interpretação: uma interpretação pode ir por um caminho se nos baseamos na hipótese da identificação projetiva tanto pelo viés kleiniano como pelo de Bion que considerava a identificação projetiva como uma forma de comunicação de conteúdos primitivos. Caso nos apoiemos mais na chamada projeção seguiremos com um outro olhar. Se formos ainda pela contratransferência, usaremos de outras chaves hermenêuticas para tentar dar sentido ao oculto que o paciente está falando, especialmente usando a nós mesmos, nossas reações e sensações. Se formos para interpretar as resistências outro viés se abre. E assim por

¹ Texto apresentado no Encontro Científico do Instituto Wilfred Bion em 18/03/2010, Porto Alegre.

² Psicólogo Clínico, PhD. Psicanalista. juliowalz@hotmail.com. Co-autor do livro *O SENTIMENTO DE CULPA*. Guedes, Paulo Sergio Rosa e Walz, Julio César. 2.ed. Porto Alegre:Ed. do autor, 2009.

diante. Dependendo daquilo que designarmos como central na atividade mental será a partir dali que interpretaremos o material do paciente. Muitas vezes escutei de supervisores ou em reuniões científicas que interpretação boa a gente da lá uma a cada três meses...

1. Hierarquia?

Wilfred Bion foi, talvez, o psicanalista que mais avançou nas relações entre a psicanálise e o desenvolvimento dos conhecimentos científicos. Talvez esta formulação não esteja muito explícita, afinal, nós ainda temos por formação uma vaga noção do que seja ciência, especialmente quando falamos em psicologia. Nós ainda pensamos a relação causal de modo muito simples, ou seja, como se as relações de causa e efeito fossem muito óbvias e diretas, inclusive em termos de inconsciente. Uma espécie de toma lá da cá. Em genética, por exemplo, temos uma genética mendeliana e uma genética não-mendeliana. A mendeliana é a da ervilha ou de órgãos ou organismos extremamente simples, mesmo em nosso organismo. Alguns tipos de câncer podem ser analisados numa genética mendeliana. Alteração do códon X tende a dar o câncer X. Já a genética não-mendeliana refere-se a uma genética complexa, ainda pouco compreendida a rigor, mas que é usada para se pensar em organismos ou comportamentos altamente complexos, como nosso cérebro, por exemplo. Ou seja, são vários genes que interagem entre si e simultaneamente com o meio ambiente e tentar designar uma hierarquia de qual é o principal/primeiro determinante é praticamente impossível, porque eles envolvem mais uma relação do que um lugar. Por isto, formular uma teoria hierárquica sobre as causalidades das doenças mentais, por exemplo, ainda nos é praticamente impossível. Aliás, hoje já não se fala tanto em genética do comportamento. Falamos, por exemplo, também em metilação. Existem estudos em animais sobre a agressividade sendo passada de geração em geração, o que em nossa disciplina tecnicamente chamamos de repetição. Estudou-se uma mãe rata que trata mal/cruelmente a seus filhotes e depois se vê como os filhotes tratam a sua geração seguinte também com crueldade. A cada geração, até a quarta parece, a tendência destes seres vivos é a diminuição da repetição do comportamento agressivo. A razão é que os processos de metilação em cada códon de gene tende a se recuperar do "trauma" não fazendo mais este processo de alteração molecular. Tudo parece muito simples de se falar, mas a cada novo conhecimento ou informação um universo de pesquisa se abre e a complexidade fica cada vez mais evidente. E mais, as teorias causais se

modificam novamente. Uma maneira que costumamos falar ainda é a seguinte: a esquizofrenia tem muito mais a ensinar sobre a genética do que a genética sobre a esquizofrenia. Ou seja, a vida ainda é o melhor recurso para aclarar as questões. E aqui, no caso, para seguir pesquisando. No caso específico da crueldade da mãe rata, as teorias até então usadas não aceitavam que seria possível que o ambiente pudesse realizar alterações de memórias genéticas em útero... e assim por diante. Claro, tudo isto ainda são discussões e não existe nenhuma evidencia clara sobre esta conclusão. Por isto é bom sabermos que em ciência básica também falamos em observação e interpretação, ou hierarquia da interpretação. E uma boa ciência sabe e deve ter como premissa (mesmo que não possa estudar apenas interpretar), a complexidade das causas, especialmente em organismos complexos.

Mas voltando a nossa disciplina. Bion, por exemplo, tentou mostrar a complexidade da mente ao incorporar noções como complexidade, incerteza, universo em expansão, etc. A incerteza, por exemplo, não se refere a questão de que as coisas são relativas, vagas. A incerteza se refere à noção de que no movimento do elétron só podemos conhecer ou sua velocidade ou a sua posição. As duas coisas são impossíveis de serem conhecidas. Ou seja, conhecendo a velocidade a posição não se pode saber. A complexidade refere-se a matemática, de que as relações entre os objetos num conjunto são altamente complexos e suas determinações não podem ser calculadas unidirecionalmente.

2. O que é Interpretar?

Pois bem. Como disse antes grande parte de nossa formação está construída para desenvolvermos e aprendermos a arte de desvendamento/deciframento. De tentar compreender e comunicar ao paciente aquilo que ele não está enxergando e que comunica de forma latente. Lacan disse que se interpreta quando o paciente quase descobriu sozinho. Aí vale a pena interpretar... Bion disse que "interpretar é preciso, o que não é preciso é precisar interpretar".

Mas o que será interpretação mesmo? Eu ainda pergunto mais: a gente sabe porque interpreta e interpreta em terapia? O quanto da idéia acerca do chamado inconsciente nos influencia para tentarmos ficar ainda mais neste fascínio de esclarecer o oculto, o enigmático? Aliás aqui vem um tema da modernidade: quanto mais conhecemos mais sabemos que temos por conhecer e

mais enigmática fica a vida. E, por isto, maior a necessidade de interpretar. Sugiro a leitura do livro *Modernidade e Ambivalência* de Zygmund Bauman, onde ele traz uma leitura interessante sobre o projeto moderno e a loucura embutida nele, que é a de infinitamente esclarecer e interpretar. Nesta seqüência interpretativa e da busca causal, maior será a ambivalência, maior o resto, também como fenômeno cultural e social.

Interpretar fascina. Interpretar traz um sentimento de saber o oculto. Envolve um sentimento de poder ou controle. A interpretação é um tema que percorre a vida desde as origens da humanidade. A busca por compreender o oculto, dar sentido ao desconhecido, aclarar as incompreensões, formatar e decifrar enigmas de qualquer tipo. Tal percorrido vai desde os xamans, curandeiros, a religião, a filosofia até a ciência mais dura dos tempos modernos. E com o conhecimento psicológico que temos hoje, sabemos que a interpretação ocorre desde as origens ou início da vida mental e quem sabe já intra-uterinamente.

Quando desejamos interpretar fazemos as clássicas perguntas: Porque? Qual a razão? O que ele está querendo dizer? Etc, etc, etc e com a premissa de que ao sabermos as razões a vida fica mais calma. Bion sempre disse que quanto mais temos a necessidade de compreender/interpretar, mais perto estamos da parte psicótica da personalidade. Só esta dica já nos dá uma dimensão da magnitude que tantas vezes uma interpretação pode ter para quem está tendo esta necessidade ou urgência. Freud chegava a falar acerca da interpretação selvagem e tinha grande preocupação em relação aos interpretacionismos. Aliás, boa parte das críticas à psicanálise baseiam-se nos interpretacionismos selvagens. Só aqui já teríamos um tema a parte... Mas o que estou tentando dizer não se refere a interpretar corretamente ou não. Mas naquilo que seria um dos fundamentos da nossa necessidade de interpretar.

Por isto novamente pergunto: com que intenção interpreta-se? De onde vem a interpretação?

3. Para que Interpretar?

Freud dizia que interpretar "era tornar consciente o inconsciente" e é um dos ofícios centrais da psicanálise. O interessante é que o paciente ou o sofrimento mental também fundamenta-se na interpretação, ou melhor, tem na interpretação o seu centro. E eu diria mais. Fundamenta-se essencialmente nela.

Quando um paciente interpreta, porque a doença mantém-se essencialmente pela interpretação, consciente ou sem se dar conta, procura desesperadamente um sentido, uma justificativa, uma razão do seu sofrimento ou do seu ato. Ou seja, na interpretação está embutido o tema das causas e das conseqüências. E mais: na interpretação deseja-se controlar as causas e as conseqüências. E mais grave: uma razão ou compreensão para uma imperfeição sua ou da natureza. Chamo a atenção para isto: eu não tenho a menor dúvida de que uma das razões pelas quais a gente interpreta rotineiramente é porque não tolera a imperfeição da vida, dos conflitos. E A RAZÃO ESTÁ EM BUSCAR O AGENTE CAUSAL E CULPA-LO E ISENTAR-SE DA RESPONSABILIDADE. Em razão desta imperfeição ou da intolerância a ela surge a moral, como disse Nietzsche tão bem, como veremos adiante.

Os pacientes nos procuram com a interpretação do que lhes aconteceu ou com a certeza de que há algo oculto e querem nosso deciframento do enigma. E mesmo que a "causa" nem seja mais oculta, por assim dizer, eles interpretam com a intenção de que poderiam ou deveriam ter feito diferente. Aliás, trazem um verdadeiro dogma, a convicção de que sabendo a causa o rumo da vida teria ele teria podido mudar ou feito diferente. E acho que para muitos terapeutas este dogma tem uma grande verdade. Interpretar para criar a ilusão do controle da vida. Interpretar na premissa de que assim o paciente faria e fará diferente, em razão de agora conhecer as "causas"...

Ou seja, dos dois lados existe a premissa da interpretação como base ou fundamento e de que algo oculto precisa ser revelado. E mais, de que a **causa** seja descoberta. E mais, que além de revelado o efeito desta revelação significa um controle e um "acalmamento" da vida e de que as coisas poderiam ter sido diferentes se tivesse agido assim ou assado.

4. Dilemas que temos resolver na alma

Podemos pensar que de um lado teríamos uma interpretação errônea e de outro uma correta? Seria o paciente o errado e o terapeuta o oráculo das verdades ocultas ou não percebidas pelo paciente? Basta andarmos pelo cafezinho das instituições ou nos das cidades para escutarmos o fascínio que colegas têm ao revelarem o quanto de interpretação "deram", ou quando "deram uma bem dada" e o paciente não se dá conta. Ou ainda, quando o paciente se deu conta, então é a glória.

Temos que convir: há um fascínio pela interpretação, por descobrir o oculto, revelar a verdade, descobrir a origem, etc. Aliás, muitos pensam que psicanalisar é isto. Ou se não pensam explicitamente, agem assim.

Voltemos ao paciente e ao terapeuta. Ambos estão envolvidos na interpretação do sofrimento. Vejam o que disse Nelson Boeira, a propósito da compreensão de Nietzsche sobre a interpretação do sofrimento:

"Nietzsche distingue entre o sofrimento e a interpretação do sofrimento. Há uma dor que é própria da condição humana, da qual não escapa homem algum, seja ele atingido por maiores ou menores reveses nesta vida. Esse sofrimento pode resultar do infortúnio, do acaso ou das limitações que a realidade impõe a qualquer ser humano. Contudo, não significa uma imperfeição, mas parte constituinte da experiência humana, que em nada lhe retira o valor.

Há, no entanto, um segundo sofrimento, a dor auto-infligida. Nasce da interpretação que fazemos de nosso sofrimento primário ao tratá-lo como algo injusto e imerecido, como um sinal de desvalor ou culpa. Ao proceder assim, atribuímos a nós mesmos a responsabilidade por dores inevitáveis, como se fôssemos causadores das infelicidades "naturais" que sobre nós se abatem. Para Nietzsche, o que torna o sofrimento insuportável, doentio e apequenador não é a dor e as perdas que contém, mas a interpretação que fazemos dessa dor e dessas perdas. Do sofrimento enquanto parcela da vida não nos podemos "curar", mas podemos libertar-nos de crenças doentias sobre o sofrimento, do sofrimento como má consciência, como sublimação, como desvalorização da experiência humana."

5. Que interpretação é esta que apequena?

Talvez a resposta a esta questão possa nos dar um índice de uma diferença entre Freud e Nietzsche, por exemplo, ou mesmo entre a metafísica tradicional e Nietzsche. Começo pensando na seguinte questão: De ONDE VEM A INTERPRETAÇÃO? Eu acho que antes desta pergunta existe uma melhor questão: COMO RESOLVEMOS A INCONSCIÊNCIA DA VIDA?

Tanto Freud como Nietzsche tiveram uma intuição muito parecida. Freud mostrou a inconsciência da vida. E Nietzsche mostrou o eterno retorno, que, a rigor, é sinônimo do que Freud mostrou acerca da inconsciência da vida.

A diferença: Freud tentou resolver a inconsciência da vida propondo tornar consciente o inconsciente. Ou seja, tornando consciente o inconsciente (o que a rigor já é uma aberração?) os conflitos básicos humanos estariam resolvidos, elaborados, contidos. Ou seja: Freud respeita e recomenda a solução para os fatos (vida). Nietzsche respeita e recomenda o amor fati.

Nietzsche partiu de uma idéia diferente: a inconsciência da vida é um fato. Ou é aceito por nós ou é sofrido por nós. Como dizia Fausto "Duas almas, ai de mim!, habitam meu peito".... Ou seja, a vida humana não tem solução: as soluções obtidas, que são o ideal ascético ou o sentimento de culpa, não solucionaram e nem solucionam nada e levam o indivíduo ao sofrimento perpétuo. Os conflitos de base que redundaram numa moral não cessaram. Continuam, mas ficaram aparentemente apaziguados. Para Nietzsche eles não se resolvem. Por isto, a tarefa da genealogia é a de poder levantar a problemática de que o que se impôs não ocorreu porque deveria ser naturalmente, mas sim, porque emergiu a partir de uma luta e foi definida pela "nobreza" como boa. Esta luta, no entanto, não se perde e é por ela que se cria a diferença de valores de BOM e MAU. (Nietzsche, F. Genealogia da moral)

Nietzsche pergunta "porque a verdade teria mais valor que a aparência?", ou, se "há uma oposição essencial entre verdadeiro e falso?". Tal formulação baseia-se na tentativa antiidealista de desafiar a dicotomia mente-corpo até ali defendida por inúmeros filósofos e de mostrar que o eu enquanto unidade ou síntese conceitual não existe. Na verdade, o eu enquanto unidade existe para escamotear relações de força, aprendendo e fixando o indivíduo

para que possa ser integrante e igual aos demais indivíduos. E toda moral, enquanto baseada na "coisa em si" e dirigida para esta síntese conceitual chamada de "eu" é uma oposição à vida (encobridora desta) e, portanto, patológica.

"A interpretação... trouxe novo sofrimento consigo, mais profundo, mais íntimo, mais corrosivo da vida; pôs todo sofrimento sob a perspectiva da culpa... Mas a despeito disso tudo - o homem estava salvo, tinha um sentido, não era mais, daí em diante, como folha ao vento, uma bola jogada pela insensatez, pelo "sem sentido", podia doravante querer algo - e era indiferente, de imediato, para onde, para que, com quê ele queria: a vontade mesma estava salva... E, para ainda em conclusão dizer aquilo que eu dizia no início: o homem prefere ainda o nada a não querer. "

Assim, para Nietzsche, há uma contradição básica no ser humano, que seria uma perpétua hostilidade entre a vida (natureza) e a consciência e de que justamente o obscurecimento deste conflito, a partir do privilégio ou autodeterminação dada à consciência, gera a patologia da moral, o obscurecimento da vida e a morte, pois é usada a força para estancar a fonte da força. E para este obscurecimento a interpretação surja de forma virulenta.

6. Qual o Sucesso da Culpa?

O sucesso da culpa e da interpretação acontecem em razão da dimensão prometeica em relação aos fatos, ou melhor, em relação a vida. Ou melhor, em relação as contradições da vida. Trata-se de um delírio de onipotência diante da impotência diante da inconsciência da vida que nos mantemos cativos. Com isto sempre seremos vítimas e culpados. Ou ainda, o sucesso da culpa e da interpretação baseiam-se na ilusão do livre arbítrio, de onde a vida, o ser e a existência tudo dependesse da liberdade do ser humano. Quando se acredita neste delírio da liberdade/autonomia em relação a vida (Não pensamos os pensamentos, eles e que nos pensam) a pessoa de fato torna-se a única causadora ou culpada pelo que acontece no mundo. Portanto, tem que se achar culpada ou achar um culpado. E o tema do acaso sucumbe completamente. Este é o delírio da modernidade ou pós-modernidade que nos empurra cada vez mais

para o império da interpretação e da megalomania da ilusão da necessidade do controle (Bauman, Z)

Apenas não confundamos: Na psicanálise buscamos a liberdade de pensamento. Mas numa psicanálise não curamos a vida.

7. "Não há uma explicação imediata para esse interesse"

Ler gradiva p.20-21.

Hanold foi um homem que escondeu o amor. A partir daí passou a viver da interpretação ou da arqueologia de maneira interpretativa. Esta é a sua doença. Se adoecer é perder o amor/paixão, a terapêutica é o voltar a amar... E ele aceitou, emocionalmente, que "Não há uma explicação imediata para esse interesse" pela estatua. Largou de interpretar (tentar controlar) para amar (interesse/curiosidade). Aqui está o horror da paixão: o homem apaixonado perde o controle delirante que mantinha sobre a sua vida e a dos outros. Por isto o medo de amar. Ele nos tira da onipotência. Neste caminho qual a lógica da interpretação?

Gradiva: interpretava o que? Nada, apenas seguia Norberto em seu interesse pela vida.

E quando Norberto lutava contra seu crescimento amoroso pela vida como a vida é "...um violento desejo de tornar a vê-la lutava contra os últimos ímpetos de fuga". P.36 E aqui está o lugar do psicoterapeuta. Longe da culpa e próximo do amor. Longe da suposta causalidade para estar próximo da realização. Do ato psíquico que leva a pessoa de volta ao presente ou que permite o passado voltar a ser passado.

Clarice Lispector, ao lembrar a Fernando Sabino sobre sua única viagem ao Egito, disse que quando estava nas areias do deserto encarou desafiadoramente ninguém menos que a própria esfinge. "Não a decifrei" escreveu ela orgulhosamente. E completou: "Mas ela também não me decifrou". E impressionantemente não se devoraram.

Para encerrar trago Tom Jobim:

"Esse negócio de entender de uma coisa, tem que amar
Quando você ama,
Isso cria uma capacidade.
Você se interessa pela coisa,
Você começa a olhar."